IMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL: DIFERENTES MOMENTOS, DIFERENTES OLHARES (SÉCULO XX)

ZEILA DEMARTINI

INTRODUÇÃO

Essa comunicação aborda algumas questões que sempre estão presentes quando se faz referência a processos de deslocamento e trajetórias realizadas por grupos imigrantes em diferentes contextos, assim como aos processos de construção/reconstrução de identidades que os acompanham: os conflitos, encontros e desencontros enfrentados entre o grupo que se desloca e a sociedade receptora [1].

A discussão dessas questões tem interessado já há muitos anos principalmente antropólogos, sociólogos e psicólogos, preocupados em grande parte com os problemas de assimilação/integração de imigrantes na nova sociedade, assim como também por administradores com as políticas de Estado a serem adotadas e os nacionalismos que os deslocamentos entre nações evidenciam [2].

Procuramos focalizar algumas situações envolvendo grupos que se deslocaram entre vários continentes, mas tendo como referência principal o contexto brasileiro, a partir do qual temos baseado nossas pesquisas com imigrantes portugueses, luso-africanos, africanos, japoneses e alemães. Consideramos, entretanto, também os deslocamentos anteriores realizados por tais grupos, especialmente em terras africanas. Acreditamos que refletir sobre como os sujeitos imigrantes representam suas experiências de deslocamento e como são visualizados pelas sociedades nas quais se inserem permite que possamos pensar nas complexas relações que se estabelecem entre os mesmos, implicando ao mesmo tempo em acolhimento e rejeição, conflitos,

1 DEMARTINI, 2006; SEYFERTH, 2005; DEZEM, 2000; KALY, 2001; SAKURAI, 2002; VAINER, 1996.

2 BASSANEZI, 1996.

discriminações. Nossos estudos nos permitem afirmar que é impossível tratar os processos imigratórios de forma homogeneizadora, sem considerar as especificidades dadas pelos contextos de adoção que podem, no caso de muitos que vieram para o Brasil, ser mais de um. Também variam a inserção de cada grupo e dos sujeitos de cada grupo em um mesmo contexto, dependendo não só dos interesses da sociedade de adoção, mas, também, dos recursos/capitais/posições sociais dos próprios imigrantes. É difícil tratar em um único texto das várias situações envolvidas, mas algumas anotações são possíveis a partir de uma perspectiva histórico-sociológica.

Para discutir as situações de conflitos e discriminações enfrentadas pelos imigrantes em seus deslocamentos, assim como as estratégias por eles desenvolvidas para conseguir sua inserção no novo contexto, focalizamos sujeitos ainda pouco abordados nos estudos sobre migração: as crianças que, de alguma maneira, direta ou indiretamente, carregam em suas experiências de vida as vivências em diferentes espaços, isto é, em diferentes realidades sócio-econômico-culturais. Já tratamos dessa temática anteriormente, mas nesse paper procuramos focalizar os conflitos, discriminações e preconceitos por eles enfrentados e, como foram relatados enquanto adultos.

Como já trabalhamos com diferentes grupos de migrantes que vieram para o estado de São Paulo (Brasil) em momentos diversos, optamos por abordar as experiências de pessoas que aparentemente seriam os menos discriminados – os imigrantes provenientes da chamada comunidade lusófona, pois a língua falada é a mesma do país de adoção e a cultura brasileira guarda as marcas de séculos de colonização portuguesa: os que vieram diretamente de Portugal, aqueles cujas famílias, tendo saído de Portugal residiam nas então colônias portuguesas na África, e os próprios africanos. Abordamos dois momentos distintos – o do grande fluxo imigratório das primeiras décadas do século XX, em que milhares de portugueses vieram para São Paulo, e os fluxos de Angola, Moçambique e Cabo Verde nas décadas finais.

Para tanto, retomamos reflexões por nós em parte elaboradas em outros textos.

1. PEQUENOS IMIGRANTES EM SÃO PAULO: ENFRENTANDO DESAFIOS

As infâncias de imigrantes já foram por nós tratadas em textos anteriores, em que chamamos a atenção: para a necessidade de "olhar" para as memórias infantis [3], e incorporar as crianças na pesquisa como atores importantes no processo de

3 DEMARTINI, FARIA, PRADO, 2002; DEMARTINI, 2006.

investigação; para as "culturas infantis", isto é, as relações estabelecidas pelas crianças e a forma como as mesmas as vêem e as sentem e para o fato de que grande parcela das crianças carregou em suas experiências de vida as vivências em diferentes realidades sócio-econômico-culturais.

No caso de São Paulo, em que muitos grupos de imigrantes chegaram simultaneamente, a questão imigratória que envolve para o grupo imigrante (e também para a sociedade de adoção) a referência a duas sociedades de pertencimento, tornou-se ainda mais complexa: eram muitas as sociedades de origem, cada uma com suas problemáticas e diferenciações sociais internas. E era com essa multiplicidade de situações que os pequenos imigrantes conviviam, foi nesse contexto que se socializaram. Nesse caso, tanto na capital como no interior, este novo mundo no qual as crianças se inseriam era constituído por povos de várias origens – em alguns períodos, a população estrangeira foi superior à da sociedade paulista. Procuramos discutir como esses pequenos imigrantes foram se constituindo, em que medida tiveram que aprender a conviver com diferentes culturas desde muito pequenos e em que medida a dimensão lúdica da infância permeou as relações com os "outros" nessa complexa sociedade de adoção [4].

Podemos afirmar que os conflitos enfrentados pelos pequenos imigrantes portugueses mostraram-se em grande parte muito diferentes daqueles relatados pelos entrevistados que vivenciaram o processo como adultos.

Segundo Pollack a construção da identidade é realizada num espaço, dentro de um grupo, sempre com relação a um "outro", sendo impossível pensar na construção da identidade, no processo de socialização da criança "no ar, no abstrato" [5]. No caso das crianças de famílias de imigrantes, quem seriam os outros? Como são eles representados nos relatos? É preciso anotar, como afirmamos, que as crianças filhas de imigrantes vivenciam situações em grande parte muito distintas daquelas dos imigrantes adultos: a sua vivência da cultura e sociedade de origem ainda é relativamente pequena e mais restrita às vivências familiares, do círculo de amizades e às vivências escolares; por outro lado, sua inserção na sociedade de adoção ocorre durante o período de sua socialização primária, quando grande parte dos valores, costumes etc. são incorporados. Os pequenos imigrantes são inseridos, por assim dizer, ao mesmo tempo e profundamente, em dois contextos sociais e culturais muitas vezes extremamente distintos; a forma como esse "mergulho"

4 DEMARTINI, 2006.

5 POLLACK, 1992.

ocorre pode variar de um grupo para outro, de uma família para outra dentro do mesmo grupo. Já observamos que é preciso verificar quais são as marcas em cada criança, as marcas de cada infância e dos processos de socialização [6]. No caso dos pequenos imigrantes, as marcas dos muitas vezes diferentes e até opostos processos de socialização familiares e das sociedades mais amplas – a de origem e a de adoção.

2. CRIANÇAS DA COMUNIDADE "LUSÓFONA" EM SÃO PAULO EM DOIS MOMENTOS

Como já explicitamos, optamos por abordar dois momentos dos fluxos migratórios: o grande fluxo de portugueses e Portugal para o Brasil na Primeira República e o das antigas colônias portuguesas na segunda metade do século XX.

2.1 Primeiro momento: primeiras décadas do século XX

O primeiro momento é da intensa imigração ocorrida durante a Primeira República brasileira (1889-1930). Essa imigração de portugueses ocorrida durante a Primeira República, "não desejada", pautou-se em projetos familiares visando por meio da mesma, realizar o projeto de ascensão econômica; embora permeada por dificuldades (que envolveram separações familiares, privações, preconceitos, trabalho exaustivo etc.), de algum modo os objetivos foram atingidos principalmente a partir da segunda geração.

As atividades econômicas que permitiam o tão desejado enriquecimento criaram ao mesmo tempo problemas tanto com relação à população nacional, que desenvolveu atitudes anti-lusitanas como com relação à própria colônia, que também não via bem os que se integravam intensamente à vida brasileira como forma de garantir seus "ganhos". Segundo Silva, embora tendo diminuído no início deste século, o anti-lusitanismo teria permanecido latente no século XX [7].

Este foi também um dos fatores que teria criado restrições à vinda do imigrante português, que não era para muitos nacionais o "branco europeu" tão procurado.

Se os negócios urbanos eram os que causavam os maiores problemas, eram justamente estes os que eram estimulados pelo próprio governo português (ao contrário da política imigrantista brasileira, a quem interessava no início da

6 DEMARTINI, 2002, 2006.

7 SILVA, 1992.

República o imigrante que fosse trabalhar na lavoura). Assim, as várias Câmaras Portuguesas de Comércio, espalhadas pelo Brasil (em São Paulo foi criada em 1912) teriam feito a apologia das atividades mercantis.

Se os imigrantes portugueses chegaram "tardiamente" a São Paulo e, se em sua grande maioria eram considerados "desqualificados" tanto no que se refere à educação escolar quanto à experiência anterior em atividades industriais e de serviços, parece que apresentavam uma qualidade que pode ter favorecido sua aceitação nestas mesmas atividades: eram considerados "dóceis". Esta "docilidade" parece ter sido uma estratégia para poderem ser aceitos neste mercado de trabalho tão disputado, como sugere Boris Fausto [8].

Por meio de entrevistas que realizamos com várias famílias portuguesas [9], observamos que apenas uma parte dos imigrantes que se fixaram em São Paulo eram agricultores em Portugal; eram, geralmente, os que estavam em piores condições, passando dificuldades. Em outros casos, embora saindo de atividades agrárias, os imigrantes procuraram diversificar suas atividades, muitos deles passando a trabalhar por conta própria ou como empregados no comércio, em serviços etc.

Em condições na chegada muito diferentes pois dispondo de capital cultural, social e econômico, também vieram advogados, engenheiros, artesãos, que conseguiram estabelecer relações com pessoas socialmente bem posicionadas em São Paulo, o que permitiu a vários deles conseguirem trabalhos mais rapidamente e de acordo com sua formação, assim como realizarem casamentos com pessoas da elite paulista. O fato de terem formação, alguns deles no campo educacional, com reconhecida atuação nesta área.

Os relatos que obtivemos com famílias imigrantes que vieram no início do século XX apontam a discriminações contra os mesmos em sua vivência diária, embora de forma mais camuflada: gozações nas escolas, apelidos etc. Lembramos aqui as observações de Seyferth sobre os portugueses:

> "Os imigrantes portugueses, não obstante a herança colonial, base da nacionalidade, também foram alvo de preconceito e xenofobia. A lista de estereótipos varia, mas é a mais obvia possível na desqualificação, sobretudo quando são mencionados os supostos "defeitos de raça" – indolência, falta de inventividade, grosseria, ineficiência, aversão ao

8 FAUSTO, 1976.

9 DEMARTINI, 2001.

> trabalho e assim por diante. Além disso, não representam mais uma das raízes da formação nacional, tornando-se, nessas representações estereotipadas, apenas um grupo de imigrantes inassimiláveis, endogâmicos, ansiosos para enriquecer e retornar a Portugal" [10].

Observamos que os relatos dos que eram pequenos quando a família iniciou o processo imigratório permitem afirmar que as situações foram as mais variadas. Os que viviam em condições precárias em Portugal geralmente enfrentaram problemas maiores: em alguns casos, porque sem recursos, o pai veio antes, deixando a mulher e os filhos para trás; em outros porque, sem garantias de que a vida na nova terra seria melhor, vieram o pai e mãe, deixando os filhos com os avós em Portugal. Em ambos, os relatos de alguns entrevistados apontam para famílias cujo núcleo esteve por muitos anos separado, isto é, em que a convivência das crianças e seu processo de socialização primária ocorreram sem a presença do pai, ou até, do pai e da mãe.

Duas irmãs relataram esta situação de separação com a imigração do pai, ocorrida em virtude da extrema miséria em que viviam. Tratava-se de família em que o processo imigratório havia-se iniciado muito antes.

O discurso das irmãs entrevistadas enfatizou, e muito, a pobreza na história da sua família. Lembraram que a vida cotidiana lusitana tinha a miséria como sua característica mais marcante e este pareceu-nos ser o campo dentro do qual se sentiram mais emocionadas em aprofundar os seus relatos. Miséria e pobreza, com todas as suas conseqüências

A ausência paterna durante o período da infância também foi apontada por outros entrevistados: no caso de uma delas a imigração na família ocorreu com a vinda do pai, em 1921, e só cinco anos depois veio o restante da família. O pai imigrou porque não queria ver a mulher trabalhando e também por se sentir culpado de ter tirado a mulher de uma situação boa financeiramente falando, antes de ter-se casado. O casal teve cinco filhos, todos nascidos em Portugal e que tiveram parte da infância lá. Nesse caso, a mãe, para sustentar os filhos, continuou trabalhando com a família. A entrevistada não se referia a sofrimentos, pois pertencia a uma família com melhores recursos, freqüentava a escola antes de vir para o Brasil; mas lembra-se da ausência do pai.

10 SEYFERTH, 2005: 9.

Outros entrevistados ficaram um tempo maior para empreender a viagem e ter uma convivência com a família nuclear completa. A vinda das famílias foi fragmentada, primeiro vindo os pais e depois, aos poucos, foram vindo os outros membros da família. Alguns casos foram mais dramáticos, pois a família não voltou a se constituir, nem no Brasil nem em Portugal.

As situações de deslocamento dos imigrantes envolvem muitas vezes não só os conflitos com os "outros" do novo contexto, mas com os próprios familiares. No caso da imigração do início do século, foram vários os relatos de cisões familiares, que implicaram em providenciar estratégias de sobrevivência. Quando as crianças ficavam em Portugal na ausência dos pais, geralmente sua vida era marcada pelo trabalho junto à família, sob o controle da mãe, para enfrentar as dificuldades econômicas, como vimos.

Mas houve casos, poucos, ocorridos entre os que tinham maiores recursos econômicos, em que a decisão de deixar os filhos em Portugal ocorreu por motivos diversos: os pais vieram para o Brasil, e os filhos ficaram em Portugal ou em outros países para estudar, pois lá cursariam melhores escolas.

Essa situação foi relatada por entrevistada cujo pai antes de imigrar para o Brasil pela primeira vez já tinha escolaridade de nível superior e que, durante seu retorno a Portugal, já casado, desenvolveu pesquisas e organizou uma revista científica. Ela contou como a decisão de imigrar novamente para São Paulo envolveu, por parte do pai, em trazer as filhas mulheres, deixando na Europa os meninos, para estudar. O que se constata, nesse caso, é que a vinda do pai para o Brasil apenas confirmou o modelo de educação de famílias ricas tradicionais paulistas: o estudo para os meninos no exterior, e a educação das meninas sob o controle da família.

De modo geral é possível pensar que para essas crianças a separação provocada pela ida primeira do pai e de seus retornos para visitas,os colocou precocemente em contato com contextos sócio-econômico-culturais distintos: um criado pelos relatos dos que imigraram primeiro, sobre o país para o qual vieram depois; o outro, o contexto no qual haviam nascido e no qual ficavam aguardando as decisões dos adultos – com todas as incertezas sobre o futuro. Assim, enfrentaram as influências dos dois contextos sócio-culturais durante seu período de socialização primária, implicando que as crianças poderiam se sentir divididas por exigências culturais e sociais conflitivas diante de um mundo desconhecido e visto, muitas vezes, como hostil, pois os pais não as levavam para lá.

Um dos conflitos que foi relatado pelos entrevistados, e que os afetou muito enquanto crianças, foi a convivência em São Paulo com crianças de outros grupos, que muitas vezes contrastava com a rígida educação familiar portuguesa.

Assim, nos relatos de alguns portugueses também aparecem nos jogos, brincadeiras e quotidiano familiar as marcas da cultura de origem; segundo duas irmãs o pai, conseguiu "fazê-las" mais portuguesas que brasileiras (a mãe era brasileira); elas nasceram em Portugal, de onde vieram quando muito pequenas. Segundo as mesmas, brincavam só nos jardins das casas em que moravam, primeiro na de uma tia, quando chegaram de Portugal, depois em uma casa muito grande que o pai construiu. Só saiam para fazer visitas, com a mãe, não saiam para cinema, festas etc. Mas quando a mãe saía:

> "Tínhamos um casal de empregados, ela era austríaca e ele era italiano. E então ela era gorda, enorme, ela cantava... então quando a minha mãe saía, nós todos nos reuníamos e ela cantava, cantava em austríaco... alemão... Tem muitas brincadeiras, inclusive de roda e dessas coisas assim eram, tinha algumas que eram típicas de lá. Eu lembro de algumas coisas. A gente se fantasiava tudo de portuguesa".

Nesse caso aparecem, entretanto, os traços de uma infância em grande parte diferenciada da maioria dos imigrantes do mesmo período; tratavam-se as duas irmãs de imigrantes que, em São Paulo, relacionavam-se e conviviam com a elite paulistana, pois sua mãe era de família tradicional e de muitos recursos, o pai era um intelectual e profissional muito conhecido.

As relações estabelecidas no âmbito familiar e os projetos desenvolvidos para as mesmas, na nova terra, marcaram profundamente as vivências dos pequenos imigrantes em São Paulo. É aqui que muitas delas conheceram ou começaram a conviver com a autoridade paterna, em relações nem sempre muito satisfatórias na perspectiva das crianças. Segundo vários relatos de entrevistados, pelo menos alguns elementos contribuíam para que a infância de pequenos imigrantes não fosse lembrada como um tempo de muitas brincadeiras e prazeroso por muitos deles: em muitas famílias, portuguesas, havia a exigência de que as crianças trabalhassem, mesmo as que residiam na capital – algumas em bares, padarias, mercearias, outras em casa, outras ainda como vendedores de produtos da família pelas ruas e casas da cidade; os pais não gostavam que os filhos ficassem nas ruas e que brincassem com crianças "desconhecidas" (os bairros mais pobres de São Paulo eram constituídos por imigrantes de várias partes do mundo) e a educação rígida imposta pelos pais, especialmente pelo pai, que os controlava no dia-a-dia. Muitos falam de surras que levaram dos pais quando eram pequenos, geralmente por terem ficado brincando nas ruas, além de falarem das proibições; essas

eram ainda mais duras com relação às meninas, sempre criadas dentro de casa, brincando com os irmãos e primos.

A convivência com crianças de outros grupos no contexto migratório permitia que as crianças se defrontassem com diferentes tipos de educação familiar, aos quais não eram indiferentes e que de alguma maneira comparavam.

A escola, além das ruas, dos quintais e da vizinhança, foi o espaço de convivência por excelência entre as crianças dos vários grupos étnico-culturais em São Paulo. Os imigrantes criaram muitas escolas para seus filhos, nas quais procuravam transmitir a cultura e os valores da sociedade de origem na língua materna, através de professores pertencentes ao próprio grupo. Nessas escolas, a convivência entre as crianças geralmente era com as de seu próprio grupo. Em virtude das leis paulistas que determinavam a presença de um professor "brasileiro" nas escolas, aí já ocorriam trocas culturais entre alunos e professores [11]. A presença de filhos de imigrantes era freqüente em todas as escolas de São Paulo, na capital e no interior; nestes casos, as relações entre crianças de diferentes origens eram mais intensas. Os relatos evidenciam que muitos transitaram por diferentes tipos de escola.

Em muitos casos, embora houvesse uma obrigatoriedade do trabalho infantil junto à família, o projeto de ascensão era visualizado pelo estudo, também nas famílias de portugueses quase sem instrução. Na ausência de filhos homens, os pais orientavam também as filhas para profissões que consideravam melhores que as suas.

As crianças de famílias portuguesas não parecem ter enfrentado problemas com relação ao conteúdo do ensino e à língua falada, não mencionam e nem se lembram de detalhes das matérias, muitas vezes. O que mais é ressaltado, pelos que freqüentaram escolas públicas é que eram encarados como diferentes e hostilizados por meio de apelidos e brincadeiras:

> "a gente como estrangeiro, a gente se considera estrangeiro. (...) eu lembro quando eu era moleque, quem dominava aqui era a colônia italiana, então os portugueses eram muito mal tratados... eu lembro quando eu ia na escola tinha 7 de setembro, dia da Bandeira, tudo que falasse da Pátria, falar mal dela era português, tanto que quando eu andava na escola às vezes... eu não dizia que era portu-

11 DEMARTINI, 2006.

> guês que a turma né... Eu sou brasileiro, que eu falava que era brasileiro, que se eu falasse que era português achincalhavam, 'português burro', 'português bacalhau', saía tudo quando era nome. A colônia italiana era maior".

Os relatos de alguns sobre a educação permitem apreender também as diferenciações internas a cada grupo decorrentes dos maiores ou menores recursos econômicos dos imigrantes e do tipo de relações sociais estabelecidas no contexto de adoção. Algumas famílias reproduziram aqui os modelos de educação européia, usuais da elite paulistana, isto é, uma educação mais "francesa" para as filhas, em casa ou em colégios religiosos, enviando ou deixando os filhos homens estudando na Europa. Também no processo migratório estabeleceram-se diferenciações entre a educação de meninos e meninas.

Para os que tinham maiores recursos, as possibilidades de integração nos escalões mais altos da sociedade, com os quais já se relacionavam, podiam ocorrer tanto pela escolarização mais refinada, como pelo convívio com as melhores famílias. Mas aí fica perceptível que havia diferenciações: os projetos para as meninas diferenciavam-se do que era visualizado para seus irmãos, que tinham mais liberdade e freqüentavam escolas voltadas para profissões liberais; o que já era possível no projeto de ascensão das famílias de menos recursos.

No tocante às crianças de famílias de imigrantes portugueses desse período, é impossível deixar de falar de um processo formativo constituído na comparação das diferenças entre as diversas formas de educar os filhos – entre pais mais autoritários ou mais amorosos, mais preconceituosos com relação a outros grupos étnicos ou incentivadores das trocas interétnicas, mais acolhedores dos costumes de outros grupos ou menos, etc. Tal dimensão só foi por muitos percebida quando já eram adultos, e explicitada nos relatos como fruto de comparação que o fato de serem filhos de imigrantes lhes propiciou – muitas vezes, através de questionamentos e rompimentos com a cultura e o modo de ser do grupo de origem.

O que se pode anotar sobre as vivências das crianças nesse primeiro momento é que, no contexto paulistano em que as famílias se inseriram, havia uma convivência com muitos outros grupos, o que provocava medo nos pais, geralmente provenientes de pequenas aldeias; havia também uma pressão para que as crianças trabalhassem, pois as condições de sobrevivência eram difíceis. Mas, a maior fonte de conflitos, parece que surgia, nestes casos, pela rejeição ao modo de ser do próprio grupo, e não aos "outros".

2.2. Segundo momento: a chegada em um novo contexto na segunda metade do século XX

Quando começaram a chegar os novos fluxos do mundo lusófono nas décadas de 1960, 1970 e 1980, o contexto paulista já havia se modificado profundamente, transformando-se em sociedade com grande densidade demográfica, com urbanização, que inverteu as relações entre o rural e o urbano, com industrialização diversificada e ampla rede de comércio e serviços. A cidade de São Paulo ainda provinciana no início do século, transformava-se em uma megalópole. Era um novo contexto, que implicou em inserções diferentes para os imigrantes. Assim, as levas que começaram a chegar puderam contar com diferentes apoios em sua inserção e até a não serem vistos como "tão estranhos".

Não trataremos da forte imigração de portugueses ocorrida de Portugal para o Brasil no período 1930-1960 [12]. Vamos focalizar outro grupo, também de origem portuguesa, que veio para São Paulo procedentes da África (Angola, Moçambique e Cabo Verde). Trata-se de uma imigração forçada de grupo ainda pouco estudado, mas que contribui para uma compreensão de como os deslocamentos podem envolver discriminações ou acolhimentos entre os que são da mesma origem "nacional", mas que se encontram em contexto diverso.

Nesse período ocorreram fluxos migratórios de portugueses e luso-africanos das antigas colônias portuguesas da África em direção a São Paulo, motivados pelas pressões políticas das difíceis e complexas realidades africana e portuguesa, além das econômicas, que os diferenciaram das levas migratórias anteriores. No caso específico desses imigrantes, cruzaram-se em suas histórias as vivências sócio-culturais de contextos muito distintos: 1) dado seu pertencimento à famílias de origem portuguesa, o contexto português colonizador como referência; 2) o contexto de vivência africano, muitos tendo aí nascido e 3) o contexto paulista/brasileiro de adoção [13].

As memórias dos entrevistados, obtidas sob a forma de relatos orais remetem a lugares, pessoas e acontecimentos [14]; as narrativas permitem verificar como os continentes se cruzam na construção destas memórias, construídas individual ou socialmente. Seja vindos diretamente das "colônias" africanas para o Brasil, seja de Portugal para a África e para o Brasil, ou da África para Portugal e para o Brasil,

12 LANG, 2003.

13 DEMARTINI, CUNHA, DOPPENSCHITT, 2005.

14 POLLACK, 1992.

os entrevistados fazem referências a estes lugares tão distantes, mas tão próximos quando pensam em suas vivências. O sentimento de identidade está aí presente. Lembramos aqui que os relatos foram obtidos muitos anos após os deslocamentos, ganhando assim novas significações quando os consideramos.

Para exemplificar como as crianças enfrentaram o processo migratório, selecionamos os relatos de uma imigrante de Cabo Verde (L.) que veio em 1963 para São Paulo, com apenas cinco anos, com um irmão menor, de três anos; suas memórias remetem ao contexto de origem, às vivências em ilha; a entrevistada diz que não lembra muito, mas suas lembranças permitem captar aspectos importantes para compreensão de sua infância: a educação na família e na comunidade, a presença marcante dos avós, a educação rígida, os castigos, as brincadeiras, as plantas, os relevos, os cheiros. Remetem, principalmente, às novas habilidades que as crianças precisaram adquirir, ainda no contexto de origem, para enfrentar a travessia:

> "Eu lembro que eu andava sempre com o pezinho descalço, aí depois meu pai comprou... sabe essas Melissa transparente... esse é o sapato típico que o cabo-verdiano usa. É fabricado no Senegal. Antigamente, o sapato do cabo-verdiano era aquilo, antes de vir o sapato de couro que alguém tiver condição. Então meu pai comprou uma meiazinha, uma Melissinha daquela... aí ele me fez ficar a noite inteira dando volta na mesa com aquele sapatinho para eu continuar com o sapatinho no pé, porque eu era assim, eu não acostumava com uma coisa, eu tirava. Aí ele falava – "Isso aí você tem que levar no pé e levar até o Brasil, não pode tirar no caminho" – Aí eu precisava andar em volta e colocava a mão na mesa e ele falava – "Para andar com o sapato você não tem que segurar em nenhum lugar, você tem que andar sozinha".

O aprendizado das habilidades para andar calçada visavam, certamente, evitar que a criança fosse discriminada pelo modo de ser anterior, o de Cabo Verde. Além das habilidades físicas, outras mais difíceis de serem incorporadas também eram exigidas, como aprender o português, pois a língua usual era o crioulo, embora o país fosse colônia de Portugal.

> "Então foi assim, em uma semana foi uma chuva de informação para a gente, porque ele sabia o que podia acontecer de perder no caminho, então a minha avó, a minha avó só sabe falar crioulo, ela não sabe falar português, ela ficava a semana inteira: "Nós somos filhos de Maria do Carmo, de Santos", aí quando eu esquecia ela perguntava para ele, para meu irmãozinho que tinha três ano... estava aprendendo a falar ainda e ele fica massacrando porque eles sabiam que a travessia é... complicada e pelo que falam do Brasil, o Brasil é grande, eles não tinham noção do que a gente ia passar".

É interessante anotar que a criança imigrante, antes da travessia, já visualizava possíveis situações de conflito e de enfrentamentos para as quais era preciso estar preparada. E, realmente, a travessia foi muito mais complicada do que os dois pequenos imigrantes e seus avós poderiam esperar:

> "e sendo que a minha mãe não sabia que estávamos vindo, que ela já tinha mandado uma carta de chamada e... o nosso documento caducou, que as cartas de chamada elas têm um prazo, como nós não conseguimos a documentação a tempo, ela caducou, então a minha mãe teve que mandar a outra carta de chamada e a segunda é a última, se você não consegue vir, não vem mais. Então... nessa segunda carta de chamada o pessoal não lembrou de mandar o telegrama para minha mãe dizendo que a gente estava chegando, então nós chegamos no aeroporto de Congonhas e... Cabo Verde é assim como Minas Gerais, aqueles sitiozinhos pequenininhos de uma casa aqui, outra lá longe, a gente não tinha contato com muita gente e de repente a gente chega em São Paulo e vê aquele mundo de gente".

As diferenças entre as sociedades de origem e a nova foram percebidas até pelos pequenos logo na chegada, os comportamentos são outros, e, se esperavam serem vistas como diferentes, o que ocorreu é que se tornaram invisíveis no meio das pessoas e com medo do "mundo de gente".

> "Então todo mundo... pegou a pista para ir para o portão e a gente pegou a pista em sentido contrário, porque a gente ficou com medo daquele amontoado de gente que a gente viu. E eu tinha 5 anos e ele tinha três. E em Cabo Verde a gente tem o costume

> de andar abraçado... é um sinal de amizade, tanto que você pode achar homens abraçados... em sinal de amizade, então a gente se abraçou e foi andando no sentido contrário, então, saiu todo mundo porque a aeromoça levou a gente até a porta do avião, depois da porta do avião ela tinha que assessorar as outras pessoas, a gente ficou lá. Aí essa pessoa saiu com os filhos dela, aí ela encontrou o marido dela, que ela tinha avisado que vinha, o marido dela morava em Santos, a minha mãe morava em Santos, então... eles foram almoçar aí... por acaso tinha um senhor que veio um mês antes da minha mãe; ... aí ele acabou de almoçar e falou assim: "Bom, vou dar uma volta no aeroporto para ver". Aí ele viu aquelas duas crianças na pista... abraçadinhas num cantinho lá, aí depois ele foi chegando, chegando e escutou a gente falando o dialeto que a gente estava cantando uma musiquinha no dialeto, ai ele perguntou: "Quem que é a sua gente?" E a minha avó tinha ensinado para a gente a semana inteira: "Nós somos filhos da M.C. que mora em Santos" e era a única frase que a gente sabia falar em português, que a gente falava só o crioulo, nunca tinha ido na escola, ... aí ele foi lá e falou com a administração: "Ah, eu vim buscar duas crianças assim, assim, assado..." então ele conseguiu resgatar a gente, porque se ele não resgatasse a gente nós iríamos de volta para Portugal e aí de volta para Cabo Verde.

O apoio recebido de outro imigrante que já estava inserido no novo contexto permitiu que chegassem até a cidade da mãe, onde passaram a viver. A viagem até essa cidade foi outro momento de estranhamento: a entrevistada resumiu as experiências na nova terra: "Então era tudo novo para a gente".

As memórias remetem, assim, às vivências no novo contexto, com os estranhamentos e aprendizagens de nova cultura:

> "Aí nós chegamos, moramos em Santos... cheguei com 5 anos, dos 5 anos até os sete anos eu fui me adaptando com o português que era um pouquinho difícil, mas entrei na escola, meu irmão também entrou na escola e começamos a viver como brasileiros. A gente esqueceu a nossa identidade cabo-verdiana porque a gente vivia só no meio dos brasileiros. Então... e a minha mãe deixou de falar o crioulo porque ela falou que o crioulo atrapalhava na escola. Que

> na escola o pessoal falava "nó" e o cabo-verdiano falava "num"... O português fala "não" e a gente fala "cá"... então, para não bagunçar a cabeça da gente, ela deixou de falar crioulo com a gente para a gente não ter problemas na escola e ela foi esquecendo completamente o crioulo".

Para evitar problemas na escola foi necessário aprender a falar bem o português. As diferenças de cultura implicaram em situações difíceis para a pequena imigrante na convivência com outras crianças de costumes diferentes:

> "A minha adaptação é que em Cabo Verde tem uma coisa assim; você não briga de bater, a gente briga de boca; olha eu vou puxar seu cabelo... eu vou torcer o seu nariz... eu vou tal, tal, tal... é mais de boca, aí se a pessoa te desafia, você passa uma rasteira na pessoa e acabou; ela já perdeu, você já ganhou e cada um para sua casa. E é isso. E aí eu cheguei um dia, a gente estava pulando corda e aí tinha que dar um nó na ponta da corda, as meninas não davam nó na ponta da corda, aí você sabe, você vai rodando, rodando, rodando, ela escapa e bate na gente, não é? Aí eu falei assim – "Ai um num" – aí elas não entenderam nada e falaram assim – "O que você falou?" – aí eu falei assim – "É para dar um num" – aí ela falou assim – "O que é um num?" – aí eu peguei a corda e dei um nó. Ah! Elas tiraram um sarro – "Não é num, é nó, você não sabe nem falar"... não sei o quê, não sei o quê" – aí eu fui lá e passei uma rasteira na menina e fui para a diretoria... (...) Aí eu cheguei em casa e minha mãe falou assim: Filha! Mas porque você passou a rasteira nela? Eu falei que era porque ela estava fazendo pouco caso, aí ela falou assim – "Não filhinha, aqui no Brasil é diferente, aqui no Brasil uma pessoa tira o sarro, você tira o sarro também e deixa por isso mesmo" – aí eu falei – "Não, mas não tinha que passar rasteira nela?"... Os costumes são diferentes".

A travessia de um território para outro permite, entretanto, que mesmo tendo passado muitos anos, as comparações sejam feitas; a forma como são vistas enquanto crianças é privilegiada, as identidades questionadas:

(...) O problema é assim, por exemplo, se você vem adulto, como é o caso da minha mãe, minha mãe veio com 24 anos de idade, então ela viveu Cabo Verde, ela sabe te contar porque nossa tradição ela é muito oral, então minha mãe sabe os costumes... (...) as histórias que ela contava para a gente quando a gente era pequena, os contos de fadas africanos, os portugueses e ela sabia quando era africano e quando era português, ela contava para a gente... e eu com cinco anos, o que está aparecendo, eu estou aprendendo, então, eu saí de Cabo Verde e vim para o Brasil e não me dei conta. Eu fiz uma viagem, eu saí do pé da minha avó e cheguei no pé da minha mãe...acabou. Se a minha mãe fala pra mim – "Vem para cá" – "Estou indo!" Só que chega aquela hora... que você percebe... que o pessoal fala assim – "Ah, você é portuguesa, você é portuguesa." – então a gente acha que é português, tem muito cabo-verdiano de 80, 70 anos, você fala para ele que é africano, que é cabo-verdiano, ele fala que não, "eu sou português", então é complicado. Nós, como viemos crianças, a gente foi...virando brasileirinho. Então, quando se chega num tempo adulto é que você vai perceber. Você não é português, você não é brasileiro. O que você é? Então essa pergunta vem: Quem sou eu?

3. ALGUMAS ANOTAÇÕES FINAIS

Os preconceitos/discriminações contra imigrantes não parecem atingir igualmente todos de um mesmo grupo/origem; parecem ser elementos diferenciadores: o capital econômico, o capital educacional e cultural, as redes de apoio, os laços estabelecidos com as elites locais, as relações mantidas com os países de origem entre outros aspectos. O fato é que os processos imigratórios colocam em relação sujeitos/ grupos que se vêem como diferentes: a forma como ocorrem as trocas e disputas entre os mesmos, nos vários campos, pode permitir a desconstrução de preconceitos/estereótipos, seu reforço ou até a construção de novos. As vozes dos entrevistados nos levam a questionar as generalizações sobre os fluxos migratórios. Nesse sentido, as experiências vivenciadas pelas crianças trazem novos elementos para a compreensão dos deslocamentos no mundo lusófono.

BIBLIOGRAFIA

BASSANEZI, Maria Sílvia B., 1996 – "Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico", in PATARRA, Neide Lopes (coord.), *Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo*, vol. 1, 2.ª ed. São Paulo: FNUAP.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, 2006 – "Infância e imigração: questões para a pesquisa", in FREITAS, Marcos Cezar de (org.), *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo: Cortez

DEMARTINI, Zeila de Brito F.; CUNHA, Daniel O.; DOPPENSCHIMITT, Elen, 2005 – "Desafios da pesquisa com fluxos migratórios recentes: portugueses e luso-africanos em São Paulo", in *Cadernos CERU*, série 2, n.º 16. São Paulo.

DEMARTINI, Zeial de Brito F.; FARIA, Ana Lúcia G.; PRADO, Patrícia. (orgs.), 2002 – *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados (Coleção Educação Contemporânea).

DEZEM, Rogério, 2000 – *Inventário DEOPS, módulo 3 – japoneses: Shindô Renmei, terrorismo e repressão*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial.

FAUSTO, Bóris, 1976 – *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difel.

KALY, Alain P., 2001 – "Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial", in CASTRO, Mary G. (coord.), *Migrações internacionais: contribuições para políticas brasileiras*. Brasília: CNPD.

LANG, Alice Beatriz da Silva G., 2003 – "Portugueses em São Paulo: memória e identidade", in ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira S., *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro.

POLLAK, Michael, 1992 – "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, vol. 5, n.º 10. Rio de Janeiro.

SAKURAI, Célia, 2002 – "Mais estrangeiro que os outros?: os japoneses no Brasil". *Travessia – Revista do Migrante*, v. 15, n.º 44. São Paulo.

SEYFERTH, Giralda, 2005 – "Imigração, preconceitos e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos". *Travessia – Revista do Migrante*, v. 51. São Paulo.

SILVA, M. Beatriz Nizza da, 1992 – *Documentos para a história da imigração portuguesa no Brasil, 1850-1938*. Rio de Janeiro: Nórdica.

VAINER, Carlos B., 1996 – "Estudo e migração internacional no Brasil: da imigração à emigração", in PATARRA, Neide (coord.), *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*, 2.ª ed. São Paulo: FNUAP.